



IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

Portugal, território de territórios

ÁREA TEMÁTICA: Identidades, Valores e Modos de Vida

CORPO E ELEGÂNCIA: DA NATURALIZAÇÃO ÀS FORMAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

BRITO DE LIMA SILVA, Joana

Pós-doutoranda em Sociologia, EHESS-Paris, joanalib@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo dessa comunicação é mostrar que a elegância, ao contrário de ser um atributo da natureza, consiste num estilo de vida construído socialmente. Neste sentido, as elites (ou alta burguesia) herdaram da nobreza um modo de agir distintivo inscrito no próprio corpo, moldado através da socialização dos indivíduos num contexto social específico de classe abastada (conf. PINÇON, 2000). O comportamento das pessoas nessas camadas mais elevadas retrata a própria hierarquia da sociedade atual: a diferenciação material e simbólica entre as classes economicamente dominantes e as classes populares (conf. BOURDIEU, 2008; ELIAS, 1993/2001, dentre outros). A herança de uma conduta distintiva em relação às demais classes sociais proporciona às elites um saber incorporado, sem a necessidade de ensino direcionado (manuais, livros, cursos) da elegância e das normas de etiqueta. Porém, contraditoriamente, nota-se, na atualidade, uma crescente popularização de produtos destinados ao ensino da elegância, materializado em manuais de etiqueta, livros de *savoir-vivre* e páginas de Internet dedicadas ao tema, produtos consumidos por pessoas de origens sociais diferentes. T tamanha comercialização da elegância contradiz justamente a crença de que ela seria um atributo natural, impossível de ser ensinado. Esta comunicação, recorte de minha pesquisa de pós-doutoramento em Sociologia, detém-se sobre um campo empírico a partir do qual torna-se possível comparar alguns aspectos dos estilos de vida distintivos elitizados na França e no Brasil; desse modo, serão apresentadas análises de páginas de Internet que abordam a elegância e a aplicação de normas de etiqueta: publicações que enfatizam a possibilidade de se aprender a ser elegante, e outras dedicadas à descrever o estilo de vida legitimamente elegante. Assim, pretende-se explorar a contradição entre a naturalização da elegância e as suas tentativas de ensino-aprendizagem, mostrando que são investimentos sociais e classistas voltados ao corpo.

Abstract

The purpose of this communication is to argue that elegance, as opposed to being a nature attribute, it is a lifestyle socially constructed. In this sense, the elites (or high society) have this mark inscribed in the body itself, because of the socialization in a specific context of wealthy class (conf. Pinçon, 2000). The behavior of people in these higher layers portrays the very hierarchy of contemporary society: the material and symbolic differentiation between the economically dominant classes and the popular classes (cf. Bourdieu, 2008; Elias, 1993/2001, among others). The distinctive conduct heritage provides the elites with a knowledge built without need a formal education (manuals, books, courses) of elegance and etiquette. But, paradoxically, it is noted, today, an increasing popularization of products to learn the elegance education, embodied in etiquette manuals of *savoir-vivre*, books and websites devoted to the topic, products consumed by people from different social backgrounds. This vast marketing around elegance, precisely, contradicts the belief that it would be a natural attribute, impossible to be taught. This communication, part of my post-doctoral research in Sociology, is arrested on an empirical field from which becomes possible to compare some aspects of distinctive lifestyles in France and Brazil; this work analyzes some websites address about elegance and the application of etiquette: some of them emphasizes the possibility of learning to be elegant, and others are dedicated to describe the legitimately distinctive way of life. Thus, we intend to explore the contradiction between the naturalization of elegance and their teaching-learning attempts, showing the investments from the social class in the body.

Palavras-chave: Corpo; elites; elegância; classe social; estilos de vida

Keywords: Body; elites; elegance; social class; way of life

[COM0550]

1. Classe e elegância

“Não é a aparência, é a essência; não é o dinheiro, é a educação; não é a roupa, é a classe; a simplicidade é a chave para a verdadeira elegância”¹ – estas declarações de uma famosa estilista francesa expressam a ideia de que a elegância, ao contrário da moda ou das regras de etiqueta, não possui uma definição objetiva e suas normas não são diretamente acessíveis. Não se trata de mera normatização da conduta, facilmente encontrada em manuais sobre como se portar ante copos, talheres, guardanapos e demais adereços postos à mesa (dentre outras situações para as quais as regras de etiqueta indicam o traje certo, os gestos aceitáveis e até a entonação de voz correta). Ser elegante envolve desde o domínio dessas convenções até uma relação diferenciada com o corpo; tanto que à elegância associa-se a expressão *ter classe*, e ambas remetem a uma conduta “refinada”, própria da elite. Além disso, classificar uma pessoa de elegante e de classe pressupõe uma “essência” ou “natureza” incorporada ao seu modo de ser. Pressupõe, ainda, um “saber” aplicado aos ambientes elitizados. De fato, no âmbito das elites² é recorrente a crença de que algumas pessoas dominam o comportamento adequado para determinadas situações em detrimento de outras que desconhecem tais códigos de conduta.

Apesar de haver uma crença de que a elegância é uma sabedoria incorporada (natural, não-ensinada), atualmente, há inúmeros materiais que pretendem decifrar esses códigos e ensina-los para que outras pessoas se tornem elegantes. São manuais que funcionam como guias para ocasiões informais (viagens, passeios, exposições de arte, compras, etc.)³, indicando as maneiras supostamente apropriadas de agir em situações cotidianas. Estas publicações defendem o ensino-aprendizagem da conduta elegante, mas a elegância diferencia-se da etiqueta precisamente por apresentar-se como se fosse um atributo natural, um modo de ser, uma propriedade arraigada ao corpo. Assim, há muitas definições a respeito de *ter classe* e de *ser elegante* (conforme constata-se nos materiais empíricos analisados aqui), embora não haja consenso a respeito de como adquirir tais posturas: afinal trata-se de uma essência ou de uma aprendizagem? Quando se fala em “ser de classe” a qual classe social atribui-se esta *superioridade*? Em resumo: qual a relação entre as elites e a elegância distintiva?

“Eleger”, “elegância” e “elite” vêm todos da mesma fonte: ELIGERE, formada por EX-, “fora”, mais LIGERE, forma combinante de LEGERE. “Elite” é o grupo dos “escolhidos, eleitos”. Eligere, outra forma de dizer “escolher” em Latim, deu elegans, que inicialmente indicava uma pessoa muito exigente, que escolhia muito, que não aceitava facilmente o que lhe apresentavam. Depois a palavra passou a indicar “escolhas bem feitas, bom gosto”. Na verdade, a elegância transcende os aspectos materiais para se firmar como extremamente importante na conduta pessoal. (<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/elegancia/>)

Escolher um estilo de vida exigente e de bom gosto, como diz a etimologia da palavra, significa afastar-se do que é banal e assumir uma postura aristocrática-burguesa. Mais do que escolher trata-se de eleger e de estar entre os escolhidos, na elite de uma sociedade. O desejo elitista de exclusividade e de se diferenciar do comum tem suas origens na formação desses ideais; seus antecedentes históricos encontram-se há mais de três séculos, nas sociedades de corte europeias, quando pertencer à nobreza exigia ter uma linhagem reconhecida, que garantisse o acesso à camada social mais alta; desse modo, estariam desde já excluídos os burgueses em ascensão, que não possuíam antepassados nobres. Mas a partir desta condição (de *fora*), eles construíram estratégias de acesso ao topo social; e uma dessas estratégias consiste em imitar o estilo de vida nobre, assimilando seus valores e hábitos.

Trata-se de uma padronização através da qual os indivíduos interiorizam os “autocontroles, chame-se a eles de ‘razão’, ‘consciência’, ‘ego’, ou ‘superego’, e a conseqüente moderação dos impulsos e emoções mais animalescas” (Elias, 1993, p. 205). Neste contexto (declínio das monarquias absolutas e surgimento do capitalismo), a nobreza e a burguesia travavam uma disputa não declarada em relação ao domínio de seus valores e práticas na sociedade. Enquanto a nobreza defendia a hereditariedade tradicional, a burguesia apostava na conquista de sua posição superior na sociedade a partir do trabalho. A ascensão burguesa

provocava na aristocracia a necessidade de se distinguir enquanto classe dominante, pois “a principal função da aristocracia de corte [...] era exatamente distinguir-se [...]. Tinha inteira liberdade para gastar o tempo refinando a conduta social distintiva, das boas maneiras e do bom gosto” (Elias, 1993, p. 252).

Os burgueses “Macaqueavam a nobreza e suas maneiras. [...] isso tornava inúteis os modismos de conduta continuamente aprimorados nos círculos da corte como meios de distinguir-se [...]; os grupos nobres eram forçados a refinar ainda mais a conduta” (Elias, 1993, p. 252). No desenrolar da disputa, a burguesia aproveita-se do declínio da aristocracia para a maior valorização de seus princípios: “[os burgueses] opunham, com autoconfiança crescente, seus códigos de maneiras aos da aristocracia de corte. [...] Acima de tudo, contrapunham sua ‘virtude’ à ‘frivolidade da corte’” (Elias, 1993, p. 260). Porém, quando a burguesia torna-se dominante ela incorpora (ou tenta incorporar) o estilo de vida aristocrático no que se refere ao comportamento distintivo. E, assim, o agir elegante passa a ser propriedade da alta burguesia para se distinguir das camadas hierarquicamente inferiores (pequena burguesia, trabalhadores braçais, etc.).

Inauguram-se, então, outras disputas distintivas, agora entre a alta e a pequena burguesia. Elas precisam investir na estilização da vida e se distinguir das demais classes sociais; e esta busca por distinção protagonizada pelos que ascenderam à classe dominante envolve o cultivo do “bom gosto”, considerado legítimo (BOURDIEU, 2008). Neste processo os membros das classes “cultivadas” (no caso, a burguesia tradicional parisiense pesquisada por Bourdieu) dominam a arte da estilização da vida e o capital cultural legítimo. Enquanto que a pequena burguesia se espelha nessas classes abastadas para distinguir-se dos trabalhadores braçais. Neste processo de distinção, os bens possuídos, as práticas e o estilo de vida são marcas diferenciadoras: “A *loucura* de uns é a *necessidade* primordial dos outros [...]: um grande número de despesas que, segundo se diz, são ostensivas, nada têm a ver com um desperdício e [...] são quase sempre [...] uma excelente aplicação que permite acumular capital social” (Bourdieu, 2008, p. 351). Tais práticas seguem o princípio de conformidade (Bourdieu, 2008, p. 357) para definir o que é razoável ou absurdo em cada contexto.

A elegância enquanto equilíbrio entre a essência cultivada e a atenção à aparência funda-se sobre estes pilares (históricos, sociais, ideológicos), que a transformam num mecanismo para obter reconhecimento social. No mundo contemporâneo as lutas por distinção diluem-se; não se trata mais de uma disputa entre nobres e burgueses ou simplesmente a refração dos padrões da alta burguesia nas classes inferiores a ela. Porém, o quanto ainda repercute hoje da antiga disputa em torno de posições hierárquicas superiores? As publicações sobre ensinar e aprender a ser elegante-distinto representam a reedição dessas batalhas simbólicas? Por um lado, sim: as batalhas distintivas se materializam nestas publicações, na medida em que impõem uma visão de mundo legítima. Por outro lado, mesmo que as publicações analisadas forneçam fórmulas de como se alcançar status através das condutas elegantes, o acesso à elite não é garantido. São apenas prescrições que se tornam acessíveis (públicas) e se expandem para toda a sociedade. Entretanto – e este é o ponto a ser discutido – expande-se (pode-se até dizer *democratiza-se*) apenas o *modelo*, enquanto mecanismo ideológico, e não os *privilégios* daqueles que o dominam.

Claro que uma imagem pessoal elegante é algo aspiracional para muita gente, mas não é garantido pelas roupas caras, e sim pelas roupas certas: de acordo com seu estilo pessoal e tipo físico, e usadas apropriadamente nas mais diversas ocasiões. Infelizmente, elegância não é só isso. Não é simples assim defini-la, e muita gente se engana pensando que é ela algo externo, este verniz que se conquista com as tais roupas caras e convites para festas exclusivas. Mas ela não passa nem perto desse tipo de definição. [...] Elegância vem de dentro, é comportamento, pode até ser encarada como uma filosofia de vida. (<http://www.bolsademulher.com/estilo/elegante-eu>)

Esta primeira citação já ilustra o problema indicado acima; trata-se de separar os elementos externos, chamados de “verniz”, e o que “vem de dentro” (aspectos subjetivos). A preocupação em separar a aparência e a essência do ser elegante convém a quem pretende ensinar-la e apreender-la, mas gera muitas controvérsias. Neste jogo metafísico reforça-se a noção de que a elegância é uma postura subjetiva, imaterial – não se

compra nem se vende, mas estaria no interior de cada pessoa. Os elementos externos (condições econômicas, status social) e os internos (conduta diferenciada) são separados como se não houvesse relação entre eles. É um modo sutil de exaltar o comportamento considerado educado, discreto e distintivo sem mencionar suas origens aristocráticas e burguesas. Pois quando citam comportamentos elegantes, as páginas consultadas descrevem um tipo de protocolo para as interações sociais, cercadas de normas restritivas.

*Não são as roupas da moda ou o carro espetacular que garantem elegância a ninguém. Mas sim, essas "coisinhas" que **não custam nada** - e ao mesmo tempo não têm preço!*
(<http://www.bolsademulher.com/estilo/elegante-eu>)

As prescrições se encaminham para cuidados afetivos (emocionais) ou para situações cotidianas (trânsito, encontros casuais/formais, modos de falar ao telefone, etc.), compondo um conjunto de práticas supostamente não-materiais associadas à elegância. Mas por que a preocupação em separar a aparência (roupas, carros, festas etc.) e a essência (educação, moral, atitudes) no agir com elegância? Seria uma tentativa de democratizar algo não democrático (elitista por princípio)? Retorna-se à contradição entre as possibilidades de acesso (internet, cursos, livros) e a efetiva incorporação do estilo de vida, com toda a *naturalidade* exigida.

Se para ser elegante é necessário agir “com nobreza” como isso aconteceria num ambiente nada nobre, no qual não existam os pré-requisitos (nobres) exigidos? Torna-se falaciosa a pretensão de ensinar esse tipo de comportamento fora do contexto elitista, na medida em que pressupõe desde sempre a familiaridade com esse protocolo. A separação entre a essência e a aparência da elegância é, na verdade, um modo de reverter o comportamento “frívolo da corte” em “virtude burguesa” (conforme visto com N. Elias e P. Bourdieu). Retira-se todo o investimento (capital econômico) para “purificar” a noção de elegância de qualquer resíduo material, tornando-a quase *espiritual*. E essa estratégia atua duplamente, pois preserva a imagem de superioridade dos que já possuem esse “jeito de ser” e promete o acesso, via capital cultural (e demais recomendações apontadas), aos que almejam ser:

*[...] acredito que a **elegância transcende as normas de boa conduta**. Envolve um jeito de pensar, agir... **De ser**. O que é ser elegante? Estrear vestidos a toda hora sempre no rigor da moda? Será? [...] Ser elegante é principalmente não ser ostensiva, berrante. [...] Elegante é estar com a roupa **certa** para o dia. [...] Ser elegante é ser **simples, natural e espontânea**. [...] Ser elegante é **saber conversar**, e isso se consegue através de conhecimento, participação no mundo em que vivemos e não apenas no lugar onde moramos [...]. Ser elegante é ser útil, proveitoso, gentil delicado e polido.*
(<http://www.eleganteseempre.com.br/destaques/o-que-e-ser-elegante/>)

Mais uma vez aparecem as noções de distinção com discrição (nem ostentar nem ser “berrante”), o que exige usar a roupa “certa”; mais ainda, exige “saber” qual é a roupa certa. Mas de que sabedoria se trata? O mesmo em relação a “saber conversar”: como ocorre essa aprendizagem? O discurso torna-se circular ao defender que agir com elegância é ser simples e natural, ter espontaneidade, e para saber como praticar tudo isso é necessário... ser elegante! A defesa de uma sabedoria implícita e ao mesmo tempo indefinível (há explicações fugidias) aparece constantemente nas publicações analisadas. Desse modo, a diferença entre “ter classe” e aprender a “ser de classe” encontra-se na própria forma de incorporação do *habitus* vivenciada pelo indivíduo (socialização). Eis o paradoxo entre uma sabedoria *natural* e outra *ensinada*: afirma-se, aí, a aprendizagem de algo que já se sabe (ou já se é) de antemão.

*L'élégante c'est celle qui nous inspire par ses expériences et qu'on admire à travers ses **découvertes** ou ses **réalisations**.* (<http://www.soyonselegantes.com/comment-etre-elegante/>)

Inspirar-se nas próprias descobertas e realizações expressa a possibilidade de agir elegantemente via capital cultural incorporado. Porém, “postura, garbo, atitude, dicção e pronúncia [são] maneiras de ser e usos sem os quais, pelo menos nestes mercados, o valor atribuído a todos os *saberes de escola* é reduzido ou nulo” (BOURDIEU, 2008, p. 87); ou seja, não é através de ensino dirigido que a *sabedoria* é incorporada. Os

valores, os agentes, seus corpos e suas práticas situam-se no mesmo plano, sem haver direcionamento da aprendizagem; este é o sentido da naturalização do *habitus* de classe: “O *habitus* constrói o mundo por uma certa maneira de se orientar nele” (Bourdieu, 2007, p. 175). E, de acordo com o autor, “O agente envolvido na prática conhece o mundo [...] sem distância objetivante, como sendo algo evidente, justamente porque ele se encontra enredado nele, com o corpo colado nele, onde ele habita como se fora um uniforme ou um hábitat familiar” (Bourdieu, 2007, p. 174). A naturalidade do agir expressa a familiaridade dos agentes com o contexto vivido. Familiarizar-se é uma forma de obter a *medida* entre praticar uma sabedoria incorporada e expressar-se com espontaneidade (naturalizar o *habitus*):

Pour être élégante il faut avoir de bonnes manières. Cependant, trop de bonnes manières tuent les bonnes manières. Etre douce, féminine et avoir des attitudes délicates c'est parfait. Mais devenir précieuse à outrance et faire [...] des effets de cheveux, de mains et j'en passe, ça devient théâtral... [...]. N'oublions pas qu'en matière d'élégance, tout se joue à «la juste mesure». (<http://www.soyonselegantes.com/comment-etre-elegante/>)

A exigência de não ser teatral e de não exagerar nas “boas maneiras” confirma o processo de naturalização das atitudes distintivas que são pretensamente ensinadas nessas publicações. Pois saber agir e dominar as regras do ambiente são atitudes apreendidas na socialização e não em manuais. Esta sabedoria (atuante) envolve investimentos em capitais (cultural, social financeiro, estético, etc.) transmitidos sucessivamente como uma herança familiar. E aos que não desfrutam dessa herança *imaterial*, mas querem a identificação elitista, resta buscar “do lado de fora” estas habilidades e interioriza-las. A partir daí busca-se conhecer a medida “certa” para agir espontaneamente: não ser teatral, não exagerar em suas expressões e conhecer os limites estabelecidos.

Être élégante [...] C'est avant tout une démarche, une présence, un charisme. [...] Le trop est toujours l'ennemi du bon goût. (<http://www.marieclaire.fr/l-elegance-facile.20191,95.asp>)

Desse modo, está implícito o significado de “muito” e de o “bom” gosto. Esses elementos transmitidos como herança *imaterial* relacionam-se à chamada “exigência tácita” (Bourdieu, 2008, p. 29) que atua na percepção do mundo social. Trata-se da combinação entre disposição e competência para agir (escolhas relativas a vestimentas, alimentação, habitação, lazer etc.). Porém, os significados de ter bom gosto, comunicar-se bem, saber usar a roupa certa, etc., não pressupõem um conhecimento vinculado a determinadas condições sociais e econômicas? Esse tipo de “ensino” é tão contraditório que para “aprender” a ser elegante é necessário saber diferenciar o que é vulgar do que é elegante! Então é necessário aprender a ser *já sendo e já sabendo*?

La fille élégante ne «se la pète» pas. Rien de pire que l'attitude de quelqu'un qui semble se prétendre meilleur ou supérieur aux autres. L'élégante n'est pas prétentieuse. Certes, elle s'aime et se respecte. Certes, elle a confiance en elle et de l'assurance. Mais elle n'a pas un ego surdimensionné. Elle ne regarde pas les autres de haut. La frime tue l'élégance. Vous la trouvez comment la femme qui a la classe mais, à côté de ça, qui exige, impose les choses en son sens, n'écoute pas les autres? [...] Oui, le sale caractère tue l'élégance. [...] et on est bien d'accord, la posture et la démarche doivent rester naturellement gracieuses. (<http://www.soyonselegantes.com/comment-etre-elegante/>)

Ter classe e estar na elite, além de exigir naturalidade e espontaneidade, exige um modo de ser “humilde” (a pessoa elegante não deve ser pretensiosa, aconselham os especialistas), ainda que, notadamente, a distinção almejada se aproxime sim de uma atitude esnobe. Neste caso, qual seria a “justa medida” aplicável ao desejo de superioridade hierárquica? Se as prescrições evocam valores notadamente aristocráticos e burgueses por que a insistência de que são universais e aplicáveis a qualquer contexto? De fato, as tentativas de ensinar a conduta elegante encobrem os conflitos implícitos nas lutas distintivas, na medida em que pretendem popularizar e tornar democrático algo que é, por princípio, o exato oposto de popular e acessível. As disputas distintivas em torno da consolidação do gosto legítimo (elitista) envolve “batalhas pela imposição de um estilo de vida legítimo” (Pulici, 2010, p. 297). São práticas através das quais as pessoas de elite investem na

estilização da vida para se distinguirem dos *demais* e se identificarem entre seus pares. Assim, “o gosto (cultural e/ou mundano) participa dos processos de distinção social, induzindo à formação de barreiras e à manutenção da ordem simbólica estabelecida [...]; a oposição estrutural entre o distintivo e o vulgar permanece vigorosa” (Pulici, 2010, p. 297). Nesta escala hierárquica simbólica, ser elegante/distintivo é superior ao comum/popular. No entanto, há sempre a (falaciosa) possibilidade de *tentar ser* elegante, seguindo o desejo de pertencer à elite; e para isso bastaria espelhar-se nos referenciais estabelecidos pelos especialistas no assunto.

Uma vez incorporada a “essência” elegante, naturalizada ao seguir tais prescrições, a preocupação volta-se à *aparência*. Conforme já indicado, apesar de não haver a efetiva separação essência-aparência as declarações sobre o tema insistem em defender que não é suficiente adquirir objetos de alto valor, mas *saber* o que escolher e apresentar-se naturalmente de acordo. As tentativas de purificar a elegância de seus elementos acessórios (materiais) é uma forma de deslocá-la do ambiente consumista e de preservar a aura de atributo puramente subjetivo (espiritual). Nesse aspecto, a separação essência-aparência elegante cumpre uma função análoga à condenação ao luxo ostensivo. Ou seja, expressar apenas a aparência elegante (sem incorporar sua essência) é o mesmo que ostentar algo luxuoso sem dominar os capitais simbólicos envolvidos neste processo; pois, acima de tudo, este consumo exige um conhecimento específico incorporado previamente: “Pour savoir reconnaître, goûter et apprécier un objet de luxe, le client doit s’appropriier au moins une fraction du savoir défini par le producteur. Il doit savoir faire usage, au moins en partie, d’un lexique spécifique [...], qui permet de donner sa signification à l’objet” (Marion, G., 2005, p. 303). Os consumidores “conscientes” de objetos luxuosos, pessoas consideradas ícones da elegância, lidam com produções exclusivas e não disponíveis a qualquer membro da sociedade.

O luxo possui um efeito de raridade através do qual obtém-se distinção. Volta-se, novamente, às disputas pela imposição de um gosto legítimo. Assim como a elegância sem a atitude “certa” transforma-se em mero exibicionismo e reprodução da moda, os bens luxuosos sem o contexto de capitais simbólicos que os sustentam são considerados simples desperdícios. Tanto o consumo luxuoso quanto a elegância “despretensiosa” seguem o mesmo mandamento de desconsiderar os dados econômicos envolvidos e apresentar-se como algo puro e subjetivo (um atributo do ser):

Existem pessoas que parecem ter nascido com a elegância nas veias, tudo fica bem nelas, qualquer peça simples adquire um glamour desproporcionado em seus corpos. Mas apesar disso, a elegância é um conceito que se aprende e que pode ser obtido pondo em prática algumas ideias simples. Para começar, a elegância não está vinculada ao dinheiro. Nem todo mundo que tem dinheiro é elegante, e nem todas as pessoas que têm um pouco mais de dificuldade econômica deixam de sê-lo. [...] A elegância não tem nada a ver com o preço das roupas, mas com o estilo com que as vestimos. [...] Além do mais, o cuidado que atemos com a roupa é também importante [...] indica que somos pessoas cuidadosas, que cuidamos da nossa aparência. (<http://beleza.umcom.com.br/articulo/como-ser-mais-elegante-3032.html>)

Vê-se nestas publicações a crença de que a elegância não está relacionada “ao dinheiro”, mas, insiste-se: é necessário cuidar da própria aparência; e mais: deve-se recusar a ostentação e praticar um exibicionismo discreto. Dessa forma, os consumidores que diferenciam o consumo “sábio” do consumo “vulgar” são os mesmos que também distinguem o que é ou não discreto e elegante. A dissociação entre o preço das roupas e a elegância atribuída a elas permite atrair mais veracidade para a promessa de ascender à elite-elegante. Porém, esta ascensão exige uma condição socioeconômica que proporcione desde preocupar-se com o trato social (educação, respeito, polidez) até ocupar-se da própria aparência para apresentar-se “bem” socialmente. Assim, na cultuada lista de prescrições destaca-se insistentemente a exigência de *naturalizar* a riqueza que se quer mostrar:

*Une femme élégante ce n'est pas une « vitrine sur pattes » faisant l'étalage **vulgaire** de multiples produits de luxe. Certes, les vêtements de **qualité** peuvent contribuer à la mise en **valeur** d'une femme. Et il est vrai qu'on attend (en principe) des produits de **luxe** qu'ils fassent preuve d'un **raffinement** sans égal... Dans tous les cas, [...] carrément **ostentatoire** sont à bannir au risque de se transformer en « poule (ou pouf) de luxe ». L'élégante est rayonnante mais pas éblouissante à faire mal aux yeux... En fait, une femme peut être très élégante avec ou sans marque prestigieuse, tout dépendra des pièces **choisies**. L'important est là : faire les **bons choix**. Une femme peut être élégante en casual chic. Inversement **une femme chic n'est pas forcément élégante**... Tout dépend de ce qu'elle dégage et de la façon dont elle se comporte. [...] (<http://www.soyonselegantes.com/comment-etre-elegante/>)*

De fato, a discrição é o segredo (menos secreto) das elites: nada relacionado a preços e gastos pode aparecer diretamente; os valores econômicos são encobertos para proporcionar mais capitais simbólicos associados a esse estilo de vida. A atitude pretensamente “desapegada” representa mais uma das farsas relacionadas ao ensino da elegância (bastante repetida nos conselhos ofertados): independentemente das condições financeiras deve-se agir com simplicidade e espontaneidade. Mas e todas as complexas regras a serem praticadas? Parece que “ser simples”, nesse contexto, é exatamente o oposto do que se compreende por simplicidade: é transformar a *opulência* e a *frivolidade* ostensivas em *virtudes* naturais, para que pareçam apropriadas e aprovadas socialmente.

*Se tiver a oportunidade de comprar roupa e acessórios de **marca** e quiser vestir-se de forma elegante, **evite exibir de forma ostentosa todos os logotipos** das peças que adquire. Isso, longe de ser elegante, mostra quanto lhe interessa que as pessoas saibam o quanto você gasta com seu guarda-roupa. É recomendável ser **discreto** neste aspecto e não usar muitas peças com logotipos juntas em um só conjunto. (<http://beleza.umcomo.com.br/articulo/como-ser-mais-elegante-3032.html>)*

As prescrições relacionadas à essência-aparência elegante instituem padrões emocionais e corporais; no campo das emoções o comportamento deve reger-se pela discrição de exibir sem ostentar, distinguir-se sem desprezar os outros, atuar conforme as normas sem ser teatral, em suma, conhecer desde sempre a “justa medida” aplicável; e no aspecto corporal busca-se um corpo normatizado por um modelo fixo. Com isto o comportamento torna-se cada vez mais elaborado, mais artificial, menos espontâneo e sempre vinculado ao consumo. O que é considerado natural transforma-se numa lista de regras de conduta a ser interiorizada e, em seguida, praticada com naturalidade. Os constrangimentos impostos ao corpo promovem justamente a naturalização do *habitus* predominante em cada classe social; neste caso as elites partem da “vantagem” de já transformarem em natureza o modelo que outros procuram incorporar pela imitação (tentativa de aprendizagem). Assim, se a elegância pode ser considerada o *habitus* das elites (defendida como natureza) quando ela se transforma num produto comercializado (livros, manuais, cursos) ou divulgado publicamente (conteúdos de internet) evidencia-se ainda mais a sua artificialidade: torna-se uma “simples” mercadoria exposta nas mais variadas vitrines. E a própria divulgação desse estilo de vida (como fazem as publicações aqui analisadas) transforma-se em legitimação de hierarquias simbólicas: quanto mais distintivo mais superior (mais classe, mais elegância, mais elitista).

2. Corpo e classe

Corpo, classe e elegância unem-se de um modo peculiar nessa construção identitária. Ser elegante, representar *uma classe*, envolve dominar o corpo. Este se transforma num acessório a ser investido, pois “le corps vécu comme accessoire de la personne, artefact de la présence, impliqué dans une mise en scène de soi qui alimente, une volonté de se réappropriier son existence, de créer une identité provisoire plus favorable” (Le Breton, 2013, p. 22). Nesse sentido, o corpo é um instrumento para a realização pessoal por meio de um estilo de vida; porém, a estilização não pode ser ostensivamente exibida, pois perderia a naturalidade; tampouco pode ser escondida, pois impediria a distinção. O equilíbrio entre mostrar o que aprendeu e encobrir os vestígios de aprendizagem é o desafio de quem pretende assumir esse modo de ser:

Bien se connaître, c'est la règle pour être la plus belle et avoir de l'allure tout en assumant ses (minuscules) défauts : Se tenir toujours droite. [...] Tenir compte de son âge, à chaque décennie sa mode... [...] Si votre morphologie a changé, prenez-vous en photo pour voir ce qui vous va désormais le mieux. Taire vos petits défauts: si vous ne parlez pas de vos genoux[...] détestés, les autres ne les verront pas. (<http://www.marieclaire.fr/l-elegance-facile,20191,95.asp>)

Se o “corpo está no mundo social” e “o mundo social está no corpo” (BOURDIEU, 2007, p. 185) ser elegante é incorporar uma visão de mundo e adequar-se, através do corpo, a este “mundo”. Tais condutas (disposições incorporadas) “mobilizam um *conhecimento pelo corpo* capaz de garantir uma compreensão prática do mundo” (Bourdieu, 2007, p. 166). O corpo, moldável aos padrões estéticos almejados, torna-se a imagem representativa do *habitus* (ou *hexis* corporal) em questão: “L’hexis corporelle s’ajoute ainsi au corps de classe, déjà physiquement et morphologiquement déterminé par le goût, qui va orienter l’individu vers telle ou telle prédilection alimentaire, telle ou telle activité physique” (DETREZ, 2002, p. 163). Controlar a conduta social e a aparência envolve, portanto, o controle da alimentação, da postura, da fala, dos gestos e todos os aspectos corporais:

Une femme élégante aime la vie et quand on aime la vie, on aime manger ! [...] Faire de l'exercice physique et ne pas manger n'importe quoi à n'importe quelle heure est incontournable pour garder la ligne... Mais de là à se priver de tous les plaisirs gustatifs [...]! Au contraire, rien de pire que la privation forcée. Une femme frustrée et aigrie ne peut pas être élégante. [...] Se donner de la contenance en adoptant une façon de parler qui sonne le manque de naturel peut tout simplement friser le ridicule. S'exprimer correctement est essentiel [...] La femme élégante s'exprime avec douceur et naturel. (<http://www.soyonselegantes.com/comment-etre-elegante/>)

Conselhos ou promessas o fato é que investir no corpo visando um padrão de beleza, além de ser uma tentativa de diferenciar-se, é um modo de obter status e reconhecimento social. Nesse sentido, a elegância combina elementos corporais e culturais aplicados como capitais simbólicos distintivos, através dos quais torna-se possível identificar “de longe” a posição hierárquica de quem os incorporou. Tanto a postura corporal quanto a maneira de falar expressam a visão de mundo e a posição social à qual se pertence. Forçar-se a agir de maneira controlada, “moderada” ou “com doçura” é uma forma de assumir todos os signos elitistas-elegantes como legítimos (torna-los naturais):

[...] Mas obviamente, a roupa não é o único fator que evidencia se somos ou não elegantes. O vocabulário que usamos é também muito importante quando, passado o primeiro teste da aparência, devemos nos comunicar com outras pessoas. Fale em um tom de voz moderado, [...]. Existem normas de protocolo e educação que uma pessoa elegante sabe respeitar: [...] não interromper uma pessoa enquanto fala, [...] e não perder o controle em público são algumas delas. (<http://beleza.umcomo.com.br/articulo/como-ser-mais-elegante-3032.html>)

Investir no modo de falar (ampliar o vocabulário, o saber, o pensamento articulado etc.), ater-se à postura e à aparência requer condições favoráveis de tempo e dinheiro, dois elementos desconsiderados nas postagens (sempre dissimulados); mas é notável que a efetividade dessa normatização pressupõe uma condição de classe “privilegiada”. Uma vez que, em geral, não dependem da força física para trabalhar, essas pessoas podem realizar atividades que moldam e condicionam o corpo dentro dos “cânones de beleza em vigor nas classes superiores” (Boltanski, 2004, p. 161); podem, ainda, lidar com o corpo como objeto de sensações e reflexões. A atitude de cuidado e previsão em relação aos sinais corporais é o resultado de uma percepção mais atenta ao comportamento do corpo: “À medida que se sobe na hierarquia social, [...] o sistema de regras que regem a relação dos indivíduos com o corpo também se modifica [...]; os agentes sociais tendem primeiramente a estabelecer uma relação consciente com o corpo e a treinar sistematicamente a percepção de suas sensações físicas e a expressão de suas sensações” (Boltanski, 2004, p. 158). Estas práticas expressam as posições sociais de cada indivíduo, pois o próprio corpo se torna “um sinal de *status* – talvez o mais íntimo e daí o mais importante – cujo resultado simbólico é tão maior, pois, como tal, nunca é dissociado da

pessoa que o habita” (Boltanski, 2004, p. 167). Por isso há tantos investimentos voltados à autoimagem (físico, fala, postura, expressões, etc.) para reproduzir o modelo elitista desejado.

Os parâmetros elegantes funcionam como técnicas corporais: “é preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, ali onde de ordinário veem-se apenas a alma e suas faculdades de repetição” (Mauss, 1974, p. 214). É notadamente esta ideia que permite diferenciar as normas de etiqueta (manuais com regras instrumentalizadas) e a transmissão do comportamento considerado elegante (composto de subjetividade, técnicas corporais, condições socioeconômicas, situação de classe e capitais simbólicos). A socialização é decisiva para efetivar os processos de aprendizagem corporal e cultural, nos quais “o que se passa é uma imitação prestigiosa” (Mauss, 1974, p. 215). Lugar de *habitus*, de imitação social e de composição natural (biológica, fisiológica), o corpo é o instrumento cultural por excelência utilizado em todas as sociedades; e a elegância é *uma* dessas técnicas socioculturais-corporais existentes.

Afirmar a existência de um padrão de elegância, que pode ser transmitido tanto na socialização num contexto elitizado quanto, possivelmente, por meio do ensino dirigido, é o mesmo que construir e legitimar este padrão. Assim, as promessas de ser elegante participam dos jogos de poderes que formam a sociedade: “Les usages sociaux du corps, s’ils naturalisent des identités, ne sont pas neutres, mais deviennent des lieux et des enjeux de pouvoirs” (Detrez, 2002, p. 166). As imposições colocadas sobre o corpo tornam cada ação uma forma de representar um valor; ou mais precisamente, um modo de incorporar e exteriorizar tais valores. Essa ritualização do corpo a partir de técnicas culturais/corporais concretiza-se, por exemplo, numa explicação sobre como as mulheres *devem* andar para demonstrar elegância:

[...] “Imagine uma linha reta. Queixo paralelo ao chão. Coloque um pé na frente do outro (quanto maior o salto menor será o tamanho dos passos). Os braços devem estar relaxados e se movimentar como pêndulo em sentido contrário ao movimento das pernas, sem mexer os ombros e com um leve e **sutil** requebrar dos quadris. Nunca se deve olhar para o chão”, ensina [...]. A especialista também enfatiza a importância da **naturalidade** dos movimentos. “Tudo deve ser feito **sem exageros**, para que todos pensem que a mulher **nasceu** com esse andar atraente”. [...] Além de tudo isso, deve-se sempre manter o **estilo** e “ter uma auto-estima elevada e respeito próprio”, características que esse jeito de andar com certeza trará para a mulher que **souber reproduzi-lo**. (<http://www.atitudeelegante.com.br/fashion/84-como-anda-o-seu-andar.html>)

Nota-se que todas as publicações consultadas enfatizam a importância da postura “correta” e da atenção voltada ao corpo; e o próprio ensino dessa técnica corporal comprova que se trata de uma aprendizagem (não-espontânea) que coordena e condiciona o corpo a tais movimentos. Ora, se é um modelo estruturado por rigorosas regras, em que medida é possível agir naturalmente? De fato, quando as publicações se referem à natureza instala-se o paradoxo já indicado, de ser um atributo natural (de berço) que mobiliza capitais e atitudes nada *naturais*. A ideologia da *espontaneidade das boas maneiras* impera dentre aqueles que detém esse atributo (social) naturalizado. O mesmo discurso das postagens aqui analisadas aparece nos valores e crenças da elite paulistana (Pulici, 2009); são pessoas que lidam com a estilização do “legítimo bom gosto” e descartam a possibilidade de aprendizagem e de transmissão artificial da elegância. Segundo esses membros da elite, ser elegante requer uma sabedoria que é exclusiva das classes abastadas, aquelas de “berço de ouro”, portadoras desse *privilegio natural*. Estes privilegiados são fatalistas e categóricos ao negarem a aprendizagem da conduta elegante: “o aprendizado tardio ou ‘formal’ da chamada ‘elegância’ não poderá jamais substituir ou sequer se igualar aos conhecimentos que foram adquiridos no seio da família, muitas vezes ‘antes dos três meses de idade’” (Pulici, 2009, p. 159). Aprender o estilo elegante fora do seu contexto *natural* torna-se um tabu; ou seja, o contexto elitizado, onde incorpora-se o *habitus* desde o berço, define as possibilidades de eficácia da aprendizagem.

Incorporar o modo “natural” de andar, alimentar-se, falar, vestir-se, relacionar-se, consumir é, sem dúvida, um ato de aprendizagem; mas a “naturalidade” ao agir não é resultado de um ensino direcionado. Com isto, o discurso do ensino-aprendizagem da elegância se contradiz quando reifica uma noção de “natureza” elegante.

Assim, ensinar a elegância, de acordo com os materiais pesquisados, é dissociá-la de seus aspectos materiais (separação essência-aparência); porém, esta essência é na verdade o *habitus* (transformado em natureza), no qual as técnicas corporais, os valores, as atitudes e todo o aparato simbólico se misturam numa aprendizagem não-direcionada (socialização). Em seguida, o *habitus* elegante (próprio dos ambientes elitistas) é retalhado em normas e hábitos que podem ser copiados por quem pretende, a partir de um contexto não-elitista, interiorizar esse modelo. Por fim, esta essência tão purificada converte-se naquilo que seus defensores recusam veementemente: um produto voltado à aparência para ser consumido banalmente no mercado.

Transmutada em seu oposto, a elegância desvincular-se-ia dos seus pré-requisitos (ser da elite para ser elegante) e perderia justamente o seu caráter distintivo? Não. Ao contrário de diminuição das fronteiras classistas as publicações analisadas mostram que a vontade de distinção ergue novas barreiras entre quem *tem* ou *não tem classe*. Estes, os não-eleitos (excluídos), assimilam tais padrões, mas atingem apenas a aparência, pois continuam na mesma situação de classe. As tentativas de aprendizagem e de superação das hierarquias simbólicas esbarram nos marcadores distintivos; e, enfim, a entrada na elite, via elegância, é interdita⁴.

Referências

Boltanski, Luc (2004). *As classes sociais e o corpo*. Tradução de Regina A. Machado; M. A. Loyola Leblond e R. A. Machado (orgs). São Paulo: Paz e Terra.

Bourdieu, Pierre (2008). *A Distinção: crítica social do julgamento*. Tradução de Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk.

Bourdieu, Pierre (2007). *Meditações Pascalianas*. Tradução de Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Detrez, Christine (2002). *La construction sociale du corps*. Paris: Editions du Seuil.

Elias, Norbert (1993). *O processo civilizador. Formação do Estado e Civilização* (Volumes I e II). Tradução de Ruy Jungmann; Apresentação de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Le Breton, David (2013). *L'adieu au corps*. Paris: Éditions Métailié.

Lima Silva, Joana Brito de (2015). *Hierarquias simbólicas e marcadores distintivos: um estudo exploratório da sociedade juiz-forana*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais (PPGCSO-UFJF).

Mauss, Marcel (1974). *Sociologia e antropologia*. São Paulo, EPU-EDUSP.

Marion, Gilles (2005). "Objets et marques de luxe". In Assouly, O. (direction). *Le luxe – essais sur la fabrique de l'ostentation*. Paris: Editions de L'Institut français de la mode/Editons du Regard.

Pulici, Carolina Martins (2009). Os atentados ao 'bom gosto': regras da 'arte de viver legítima' na capital paulista. *Revista USP*, São Paulo, n.81, p. 148-160.

Pulici, Carolina Martins (2010). *O charme (in)discreto do gosto burguês paulista: estudo sociológico da distinção social em São Paulo*. São Paulo: Tese de doutorado em sociologia, FFLCH-USP, 326p.

¹ Referências das frases da estilista Coco Chanel: http://pnsdr.com/img/frase/co/co/coco_chanel_nao_e_a_aparencia_e_rl.jpg; <http://www.universofeminino.info/blog/wp-content/uploads/2012/07/frases-chanel-15.jpg>

² Temática pesquisada no meu doutoramento (LIMA SILVA, 2015), a partir do qual surgiram as questões deste pós-doutorado: se é verdade que *elegância não se ensina* (pois já se nasce elegante, como defenderam as pessoas da elite

juiz-forana, entrevistadas durante minha pesquisa de doutorado), por que há tantas publicações e tamanha demanda sobre o assunto? Como explicar o comércio e o consumo de um bem simbólico *inatingível*? Esta comunicação apresenta os resultados parciais da pesquisa, ainda em andamento.

³ Dois exemplos: Danuza Leão, no livro *De malas prontas*, relata diversas situações de viagens que envolvem saber o comportamento considerado adequado, conhecer e frequentar lugares sofisticados (LEÃO, 2009); no mesmo estilo, *Cultura & Elegância* (PINSKY, 2005) aborda desde cuidados corporais até conhecimentos culturais exigidos para ser distinto; são temáticas voltadas ao gosto elitizado que confirmam a ideia de que esses capitais simbólicos se materializam no corpo e nas práticas sociais.

⁴ Conforme já mencionado, a pesquisa está em andamento e os próximos passos consistem, justamente, em mostrar quais são esses marcadores distintivos e quem seriam os “guardiões” da elite, estes “especialistas” em demarcação de fronteiras hierárquicas.